

4.

O QUE É ISSO QUE É UMA PRÁTICA SOCIAL

Retornando ao significado específico do termo *prática social*, acredito que tenho que dar ciência aos meus leitores de que modernamente a noção foi difundida pela filosofia, assim, a sua definição traz um pequeno grande problema para os pesquisadores do Campo do Design, pois, tal como se sabe, no início da Idade Moderna, a principal preocupação de muitos filósofos, incluindo René Descartes, era separar o que era físico (*res extensa*) do que era pensamento (*res cogito*) e abstrato.

A separação entre o corpóreo e aquilo que era abstrato ou imaterial não era defendida apenas por Descartes, mas talvez ele tenha sido o autor da enunciação mais bem-acabada (*cogito ergo sum*) sobre o problema. De qualquer modo, essa noção se refletia em diferentes percepções das coisas do mundo. Assim, no movimento dos corpos de homens e mulheres, por exemplo, as pessoas o compreendiam de um modo muito particular: o corpo apresentava-se como alguma coisa puramente mecânica, ainda que essa mecânica fosse operada por músculos e nervos, em lugar de engrenagens e parafusos. Nesse período histórico de transição da Idade Média para a Idade Moderna, por conta da herança da patrística, homens e mulheres eram coisas materiais e espirituais⁴⁴ ao mesmo tempo, portanto, parecia importante aos filósofos como Descartes separar de modo distinto os mecanismos que operavam os movimentos dos corpos daquilo que eram os pensamentos,

44 Por espiritual entenda-se coisas do mundo espiritual, advindas do céu, moradia de deus, dos anjos e das almas dos mortos.

coisa que eles não explicavam muito bem o que seria.⁴⁵ Indicavam apenas que o pensamento era algo imaterial. Assim tínhamos, de um lado, o termo *prática*, que queria dizer uma ação empírica positiva, uma experiência vivida materialmente ou corporificada, ou ação realizada concretamente, e de outro lado a *teoria* ou *pensamento*, compreendida como ação de contemplação ou especulação abstrata ou imaterial. No latim eclesiástico, *teoria* vinha do grego *theôria*, observação ou contemplação; de *theôrein*, observar.⁴⁶ Portanto, teoria era o mesmo que observar e, normalmente, observar de fora das coisas do mundo material. Ou seja, desde o século XVI a teoria é uma operação realizada internamente nos corpos. Nos dias de hoje nós entendemos que teoria é um conjunto de faculdades intelectuais abstratas, fora do campo das práticas materiais, mas operadas dentro do corpo humano.

Essa separação entre o prático e o teórico ainda não foi resolvida pelos pares do Campo do Design e, por essa razão, é reproduzida confusa e sistematicamente pelas escolas de design nos dias de hoje. A maioria dos designers ainda entende a prática do design sem nitidez ou do mesmo modo que os filósofos do início da Idade Moderna. De modo geral, a prática do design é compreendida como uma ação externa às operações da mente do designer. A frase “o design se faz fazendo”⁴⁷ é muito frequente entre os pares e caracteriza o design no antigo sentido, como uma prática fora das operações da mente ou teóricas. No Campo do Design essa definição sem a devida clareza denomina a prática do design como um “fazer”, “criação”⁴⁸, ou uma “atividade” e quase nunca uma forma de trabalho.

45 SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. p. 13.

46 ROBERT, Le Grand. **Le Grand Robert de la langue française**. Le Robert/Sejer. Version 2.0, 2005.

47 COELHO, Luiz Antonio Luzio. Mudando de patamar: a pesquisa no design. In.: **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação 2-1**. [2005], p. 44-47, ISSN 1808-5377.

48 “Design é a prática da **criação** intencional com o objetivo de melhorar o mundo. É o campo do **criar** e do **fazer**, do **criar** bons produtos e serviços que atendam às necessidades humanas, que encantem e informem” (Grifos nossos). Don NORMAN, Don, et KLEMER e Scott. O estado da arte do design: como a educação em design deve mudar. In.: **Revista AGITPROP – Revista Brasileira de Design**, Ano VI, número 57 – ISSN: 1983-005X, julho de 2014.

Do mesmo modo, esse absconso “fazer”, “criação”, ou “atividade” mental, caracterizando, portanto, o trabalho realizado por um profissional liberal e não por um operário, é produzido individualmente pelo designer, isto é, em conformidade com uma intenção pessoal ou daquilo que ele deseja realizar por vontade própria e que se inicia por um projeto. No Ocidente esse “fazer”, “criação” ou “atividade” é considerado como hierarquicamente superior às práticas materiais de quem trabalha com as mãos e suando a camisa, tal como os artesãos, os oficiais mecânicos e demais práticos. Por conta desse engano da Idade Moderna, mas não moderno⁴⁹ como empregamos hoje, essa etapa propedêutica do processo – o projeto – é abstrata, mas temporária, pois ela deve necessariamente se concretizar em um modelo, para que possa ser testada consistentemente não no cérebro, mas no mundo material. Desse modo, mesmo que esse modelo venha a ser virtual, isto é, produzido virtualmente por um computador, operando com programas gráficos de três dimensões, a situação não muda, ele é externo à mente de quem o produziu, o designer.

Nos parágrafos acima insistíamos para esclarecer o fato de que para os designers a prática do design não era vista como uma forma de trabalho, algo que nos obriga a suar a camisa, mas um “fazer”, uma “criação”, ou uma “atividade” individual abstrata, uma operação realizada por uma faculdade intelectual e, sobretudo, realizada por um indivíduo, o sujeito social detendo uma consciência de si mesmo. A prática do design que é ministrada nos cursos superiores nunca foi pensada como uma atividade coletiva, realizada em colaboração com diferentes profissionais, embora se diga a todos os ventos que o design é interdisciplinar. Vejo que esse esquecimento ou lacuna deixada em silêncio pelos professores não é sem motivo ou infundada, mas uma ação política. Diferentemente dessa noção, que é hegemônica entre os pares, acredito que é preciso pensar a prática social do design tal como os cientistas sociais a entendem, isto é, como uma forma de trabalho coletivo. Não

49 Moderno é compreendido no Campo do Design tal como no Campo da Arte. Moderno é algo “novo”, ou melhor, algo que se opõe ao velho ou à tradição, pois o novo e o velho são entendidos como contrários e paradoxais.

é, portanto, um “fazer”, uma “criação”, nem uma “atividade” simplesmente, mas uma forma de trabalho dentro de um contexto histórico concreto tal como outras formas de trabalho e o contexto histórico da sociedade industrial é o do modo de produção capitalista. O trabalho que um designer realiza não é diferente em modo ou grau em relação a outras formas de trabalho. O seu propósito, tal como o de todas as outras categorias profissionais dentro de nossa sociedade, é a produção da mais-valia. Ademais, seria preciso ressaltar várias vezes e sobremodo que as práticas sociais não são individuais, mas sempre coletivas. Omitir um dado como esse me parece ser uma particularidade que indica uma formação ideologicamente comprometida com a produção de objetos inúteis. Considero também que, caso não exista uma intencionalidade pela ocultação desse dado, má-fé de quem sabe e não quer ensinar, devemos atribuir à ignorância dos pares, por terem sido formados pela mesma disposição ou mesmo *habitus* social.

Antropologicamente, desde o surgimento do *homo sapiens* todas as práticas humanas, isto é, todas as formas de trabalho dos homens e mulheres, foram coletivas e nunca individuais. E mais: nos dias de hoje, as práticas sociais, todas elas, continuam sendo coletivas.⁵⁰ Mesmo um trabalho que aparentemente é individual, tal como o realizado pelo designer, por exemplo, pode e deve ser compreendido como coletivo. Penso que a nossa categoria profissional confunde o trabalho individual com a privatização do trabalho comum que era realizado por todas as pessoas antes do surgimento do capitalismo. Desde o início da Idade Moderna, a história ocidental é marcada pela expropriação daquilo que era comum ou coletivo pelo individual ou privado, tal como ocorreu entre o trabalho artesanal e o surgimento do trabalho autoral do artista, noção que não existia antes do surgimento do capitalismo.

Apenas para ilustrar a afirmação de que o trabalho do designer é coletivo, gostaríamos de lembrar que até alguns anos atrás, o designer não fabricava a sua prancheta e as suas canetas de nanquim; também não fabricava as tintas guache, *ecoline*, nem os papéis com os quais tra-

50 Sobre esse tema sugerimos a leitura de BECKER, Howard S. **Mundos da Arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

balhava. Hoje, sem o computador – *hardware* – e os programas – *softwares* – que opera no dia a dia, que também não foram criados ou fabricados por ele, também não poderia trabalhar. Se não existisse alguém para lavar a sua roupa suja, arrumar a sua casa e cozinhar o seu almoço, ou para levar e trazer seus filhos da escola, para que ele dispusesse de tempo para fazer o faz, ele também não poderia trabalhar como designer. Esses exemplos poderiam se estender infinitamente e também para situações mais indiretas ainda, tal como o fato da existência do guarda-chuva. Mas afinal, o que é que um guarda-chuva tem a ver com a produção do design? Aqui, gostaríamos de lembrar que a menção de um guarda-chuva não é uma enunciação de estilo surrealista.⁵¹ Pois, nos dias de chuva, como o designer faria para levar o seu projeto para o *bureau* ou para a oficina, para construir o seu modelo e testá-lo? O guarda-chuva também não é fabricado por ele, mas interfere, ainda que indiretamente, em seu trabalho.

Esse é um debate interessante, pois quando perguntamos para um designer se a sua prática ou trabalho é material ou imaterial (intelectual), ele o denomina conforme o que lhe convém ideologicamente. Trabalho (prática) material, suando a camisa, quando interessa reproduzir a noção de que a prática ou o “fazer” é mais importante do que o pensar; e trabalho imaterial quando interessa reproduzir a noção de que o design é uma prática espiritual, inapreensível ou volátil, que reside no recôndito da alma dos homens.

De toda maneira, a prática social, ou seja, qualquer forma de “trabalho” humano produtiva, é uma ação humana coletiva e ela é coletiva porque atende a uma necessidade humana. Se só atendesse demandas individuais, não poderíamos argumentar na defesa de que ela era indispensável, mas de acordo com preferências individuais, isto é, poderíamos escolher individualmente se desejaríamos realizá-la ou não. Ainda que a noção hegemônica para os designers venha de uma indecisa no-

51 Refiro-me à famosa frase *non sense* (sem sentido) ou surrealista *avant la lettre* (antes de o surrealismo ser consagrado como estilo) de Isidore Ducase, o pseudo francês e igualmente falso Conde de Lautréamont – “Belo como o encontro casual de uma máquina de costura com um guarda-chuva numa mesa de dissecar cadáveres.”

ção do campo da filosofia moderna, maiormente da vertente idealista, acreditamos que sua revisão crítica é necessária, pois, para nossas atuais interrogações, está equivocada.

Julgamos que essa revisão crítica é essencial para o Campo do Design. Os designers precisam compreender que por ser uma prática social coletiva, o design passa a ser imprescindível ou inevitável para a humanidade. Caso o design não fosse realizado coletivamente ou em comum e para a comunidade, ele seria uma prática eletiva, isto é, um “fazer”, “criação” ou “atividade” sem demanda, algo frívolo, não necessário, sem uso social produtivo, ainda que possa ter valor de troca, tal como vimos mais acima.